

A duração da vogal pretônica em nativos de Macuco (MG): Uma análise das modificações micro-prosódicas ocorridas na fala de informantes afastados de sua terra natal

Tatiana Pereira - UFJF

RESUMO: Um dos principais fatores de identidade da fala mineira pode estar relacionado às características das vogais emitidas pelo falante. Sendo assim, este artigo, assumindo como foco a análise de vogais em sílabas pretônicas na fala de nativos de Macuco (MG), investiga mudanças ocorridas sob aspectos duracionais na oralidade de nativos alocados na cidade do Rio de Janeiro há aproximadamente vinte anos. Para tanto, utilizou-se como ferramenta de trabalho o programa PRAAT, a fim de exame prático dos dados obtidos.

Palavras-chave: Micro-prosódia; Sociolinguística variacionista; Duração segmental; Vogal tônica.

Introdução

O tema central deste artigo é o estudo da duração das vogais pretônicas na fala de nativos de Macuco e as mudanças ocorridas quando um falante é exposto a uma outra comunidade linguística por mais de vinte anos. A comunidade escolhida para análise foi o município do Rio de Janeiro. Para tanto, abordaremos duas óticas: a da prosódia e a da sociolinguística variacionista.

Entretanto, deparamo-nos com duas limitações em nosso trabalho. A primeira consiste na dificuldade de localizar material referente à micro-prosódia vocal na sociolinguística variacionista. Embora existam artigos referentes a influências consonantais sobre vogais próximas (Pacheco, 2004) e trabalhos sobre perda de vogais postônicas (Fonseca, 2007 e Silva, 2006), admitimos a escassez de pressupostos teóricos sobre o assunto em questão. A segunda, que reduz o alcance da abordagem, consiste na limitação de informantes para a realização da pesquisa, em vista da dificuldade de encontrar pessoas que se encaixassem no perfil adequado – embora nossa proposta seja apenas a de introdução à idéia da variação prosódica vocálica.

A motivação desta pesquisa é a confirmação de algo notado por muitos na fala mineira: a extensão fônica. Uma das características mais marcantes na pronúncia dos nativos do estado de Minas é a duração maior de sua fala. Tal fato provavelmente deve-se à extensão dos fonemas emitidos e, mais particularmente, às vogais. Ater-nos-emos, contudo, à vogal pretônica, por sua

predisposição a uma duração menor que a da sílaba tônica na maior parte dos dialetos (se não todos, salvas raras exceções).

A hipótese defendida aqui é a de que nativos sofram influências prosódicas do lugar onde fixam residência por longo tempo. Para tanto, foram colhidos dados de fala de dois casais nascidos em um mesmo local (Macuco, MG). Contudo, um permaneceu por toda a vida no local de nascimento, ao passo que o outro possui residência fixa no município do Rio de Janeiro por mais de vinte anos. Pretendemos, com isso, avaliar se o que é notado pelo ouvinte instintivamente é algo plausível, ou seja, se há diferenças palpáveis na pronúncia de mineiros habitando outro lugar por muito tempo. Com tal fim, faremos uso do programa PRAAT, para melhor análise da duração das vogais dos dados colhidos. Nossos resultados foram satisfatórios, e veremos isto nas partes seguintes.

1. Sociolingüística e prosódia

Em virtude de este artigo estar voltado para o estudo da comparação de pronúncia, seu embasamento teórico estará sob os parâmetros da sociolingüística variacionista e da fonologia prosódica. Para melhor compreensão do trabalho, a seguir falaremos um pouco sobre estas ciências.

1.1. Prosódia

A definição de Andrade (1841) de prosódia como “parte da Gramática que nos ensina o som com que devemos pronunciar as palavras” simboliza uma concepção que foi aceita por muito tempo. O termo prosódia era utilizado para definir o uso correto dos sons, a tonicidade adequada das palavras. Assim sendo, o estudo das características prosódicas de vogais e consoantes não é algo antigo. Ademais, a atenção dos lingüistas estava concentrada nos sons que possuem caráter distintivo (fonemas), o que deixava de lado toda e qualquer preocupação com fatores como duração ou ritmo das sílabas ou segmentos.

Entretanto, com o surgimento de estudos como os de Liberman & Prince (1977) que incluem as características prosódicas e supra-segmentais como constitutivos dos sistemas fonológicos da língua, esta visão estruturalista vem sendo contestada nos últimos anos.

Segundo Pereira (2009), a produção prosódica sustenta-se em três elementos: duração, intensidade (também chamada sonoridade) e frequência fundamental (também chamada pitch ou qualidade vocálica).

Para duração, Mateus (2004) dá a seguinte definição:

A duração refere-se ao tempo de articulação de um som, sílaba ou enunciado, e tem uma importância fundamental no ritmo de cada língua. A duração de cada unidade varia conforme a velocidade de elocução, o que significa que se a velocidade de produção for maior, a duração de cada elemento é menor.

Para Massini-Cagliari (1992), a intensidade está conjugada à duração.

E, de acordo com Cruttenden (1997), pitch é o traço prosódico mais envolvido na entonação, relacionado à vibração das cordas vocais. Esta é controlada pela frequência fundamental.

Em nosso trabalho, focaremos com maior intensidade as características duracionais da fala, mais precisamente a dos nativos de Macuco, conforme dito anteriormente.

1.2. Sociolinguística variacionista

Para Le Page (1980), “todo ato de fala é um ato de identidade”. Este artigo buscará, de tal modo, pesquisar a identidade do local abordado, apontando a existência ou não de resquícios prosódicos da fala de nativos do distrito de Macuco afastados há mais de vinte anos.

Para tanto, será necessário, além da análise de dados, que sejam considerados alguns fatores sociolinguísticos, como as variáveis atuantes e as variantes presentes nas amostras colhidas.

As variantes lingüísticas tratam das duas (ou mais) formas diferentes de transmissão de um mesmo conteúdo, ou seja, as formas em variação. Como exemplo, podemos apontar a pronúncia chiante do S no Rio de Janeiro, em oposição à sibilante em São Paulo.

Já as variáveis lingüísticas, por sua vez, se encarregarão das já citadas características internas ou externas que agirão sobre dada variante, como as divergências entre diferentes sexos, idades, etc.

Diversos fatores sociais exercem grande peso sobre a escolha de uma determinada variante em detrimento de outra. Procurando ser sucintos, falemos essencialmente sobre alguns dos mencionados por Monteiro em seu livro “Para Compreender Labov”, datado de 1944:

a) Sexo – Para Monteiro, homens e mulheres não falam do mesmo modo, havendo diversas variações de ordem fonético-prosódica e morfossintática o que, segundo Yaguello (1991), dar-se-ia por influências socioculturais.

b) Faixa etária – Existem, sim, diferenças relativas à idade do falante, como no caso das crianças em idade de aquisição da linguagem, ou na diferença entre a fala de um idoso e de um adolescente. Contudo, devemos avaliar cuidadosamente se a variação, no segundo caso, dá-se por mudança lingüística (mudança da fala geral) ou se é apenas uma variação própria da faixa etária (um modo de falar que seria comum a adolescentes de quaisquer épocas, por exemplo).

c) Classe social – A estratificação social, embora dependente do local em que ocorra, possui grande peso na variação lingüística, já que a classe social de um indivíduo influencia fortemente sua fala. Contudo, fatores como nível de escolaridade e outras variáveis intervenientes podem dificultar a determinação da razão pela qual é usada dada variante.

d) Grupo étnico – Extremamente dependente do local em questão, posto que, se tomamos por base os EUA, podemos encontrar grandes divergências lingüísticas entre etnias, como no caso de Labov (1972) em seu trabalho sobre sistema vocálico em Nova Iorque. Entretanto, em um lugar como o Brasil, tal pesquisa talvez não tivesse o efeito desejado.

2. Material, métodos e análise do corpus

2.1. Composição do corpus

Nosso corpus de pesquisa é constituído por vogais retiradas de um texto colhido do jornal “Meia Hora”, do Rio de Janeiro. A escolha destas foi realizada por suas semelhanças construcionais, necessárias para o foco da pesquisa – encontram-se em posição pretônica, em palavras paroxítonas e trissílabas. Entretanto, este artigo não tem por objetivo analisar os motivos que levariam tais vogais a possuírem determinado som, o que demandaria um trabalho mais profundo; talvez o façamos em outra oportunidade. Nossa investigação é centrada somente nas

características prosódicas da fala natural de Macuco, e nas mudanças sofridas por informantes habitando outra região por muito tempo.

Na tabela a seguir veremos as palavras colhidas e as transcrições das vogais em análise:

Palavras	Transcrição da vogal analisada
c<u>o</u>nfronto	/õ/
d<u>e</u>sejo	/ê/
c<u>o</u>ntrole	/õ/
c<u>a</u>prichos	/á/
d<u>e</u>stino	/ê/

Quadro 1 – Palavras da amostra e transcrições das vogais analisadas

Foram escolhidas, intencionalmente, vogais de igual transcrição na fala de todos os informantes, independente das mudanças ocorridas por seu afastamento da terra natal, para evitar possível enviesamento da amostra.

2.2. Procedimentos utilizados no recolhimento da amostra

Compusemos um grupo de quatro falantes, nascidos em Macuco, com idades entre 35 e 45 anos, de similar nível de escolaridade, sendo 2 do sexo masculino e 2 do sexo feminino. Um casal possuía, à época, residência fixa no Rio de Janeiro, capital, havia cerca de vinte anos; o outro afirmava nunca haver-se distanciado da terra natal, Macuco, por mais de uma semana.

As gravações foram realizadas por intermédio de ligações telefônicas registradas com o auxílio do aparelho de telefone celular N95, na marca Nokia, em alta qualidade. O texto retirado do jornal foi lido por inteiro, individualmente, e posteriormente dessecado para a realização da investigação desejada.

2.3. Formas de medição da duração

Para a aquisição de elementos para comparação, utilizou-se o software PRAAT, que possibilitou-nos o cálculo da duração vocálica para a adequada verificação de suas características particulares.

Para o cálculo da duração, foi medido o intervalo de duração vocálica, localizado entre o início (onset) e o fim (offset) de sua pronúncia, verificado através de dados auditivos (som) e de sua forma no espectrograma.

2.4. Descrição e interpretação do corpus

Nossos resultados apontam para ligeiras, mas visivelmente presentes, diferenças entre os informantes entre si. Estas, embora também sendo determinadas pela variável sexo, são predominantemente originadas pela predominância ou não do informante em seu local de origem. A seguir, veremos cada uma delas mais detalhadamente.

Quanto à duração, o programa conduziu-nos à seguinte tabela:

Palavras	Fonemas	IFM	IMM	IFR	IMR
caprichos	/á/	0,065	0,062	0,081	0,046
confronto	/õ/	0,127	0,110	0,153	0,068
controle	/õ/	0,087	0,084	0,167	0,063
desejo	/ê/	0,150	0,169	0,160	0,062
destino	/ê/	0,102	0,096	0,100	0,070

Quadro 2 – Duração das vogais analisadas

LEGENDAS:

IFM – Informante feminino (residente em) Macuco

IMM – Informante masculino (residente em) Macuco

IFR – Informante feminino (residente em) Rio

IMR – Informante masculino (residente em) Rio

Nossos dados mostram, em sua duração, diferenças sutis, se tomamos apenas as amostras dos informantes residentes em Macuco e da informante residente no Rio de Janeiro; contudo, tais divergências aumentam consideravelmente quando consideramos a fala do informante residente no Rio, que possui visivelmente duração menor que a dos demais, em todas as palavras.

Tradicionalmente, considera-se a fala mineira como mais “arrastada”, o que foi uma das motivações que geraram esta pesquisa e explicaria a menor duração das vogais na fala do informante distante de sua terra natal há mais de vinte anos. Entretanto, como explicar a permanência da duração maior das vogais na amostra da informante residente no Rio?

Embora esta venha habitando a cidade há mais de vinte anos, a amostra nos exhibe que a maior duração das vogais em três das cinco palavras é da informante do Rio. O que podemos apontar como diferença é a variável sexo. Logo, a resolução do problema talvez seja a ligação mais forte das mulheres com sua terra natal, o que seria determinado, na amostra em questão, por uma super ênfase na duração das vogais, denotando, involuntariamente e com maior evidência, sua origem – no caso específico, Minas Gerais.

Há uma grande diferença na duração da vogal emitida pelo informante do Rio em comparação aos dados de outros falantes. Esta apresentou-se como a mais breve entre todas, chegando a divergir em 0,067 s. do dado de pronúncia de maior extensão, na palavra desejo (vide tabela 1). O provável nesta questão seria uma adaptação melhor das pessoas de sexo masculino à terra nova, a ausência da necessidade da confirmação da raiz mineira – o que não ocorre com a informante do Rio, conforme já foi apontado. Entretanto, posteriormente trataremos de outra possibilidade para tal ocorrência.

Entre a fala dos informantes de Macuco, não há grande diferença na duração da pronúncia da vogal emitida. Sua média de divergência variou entre 0,003 e 0,019. Em apenas uma das palavras o informante supera a duração vocálica da mulher; em todas as outras, a emissão da vogal da informante é mais extensa.

Como visto anteriormente, dentre todas, a pronúncia predominante de duração mais curta entre as vogais é a do informante do Rio. Contudo, verificamos também que a extensão da pronúncia do homem de Macuco é menor em quatro das cinco palavras que a da informante também de lá. Isto nos induz a duas possibilidades.

A primeira possibilidade, já ressaltada, seria a de que o sexo masculino teria maior facilidade de adaptar-se à fala do meio em que viva durante algum tempo, o que seria comprovado com a oposição direta à duração vocálica mais longa da informante do Rio, a fim de comprovar sua identidade natal.

A segunda hipótese, mais explicativa e quase somente um acréscimo, seria a de que, já possuindo em sua fala uma duração de vogal pretônica menor que a das mulheres, a pessoa do sexo masculino tenda a reduzir ainda mais a extensão de sua pronúncia, o que levaria, no caso em questão, à prosódia menos contornada e mais breve do informante residente no Rio.

Considerações finais

Os dados de fala colhidos apontam, após análise no PRAAT, que existe, sim, uma divergência entre a duração das vogais pretônicas na fala de nativos de Macuco que possuem residência fixa na cidade do Rio de Janeiro há mais de vinte anos. Assim sendo, somos guiados a crer que, possivelmente, pessoas expostas por muito tempo a uma determinada comunidade de fala tendem a adquirir – ou desprezar, realçando ainda mais sua pronúncia de origem – os costumes prosódicos de onde vivem.

Vimos também que a variável sexo possui grande influência na ênfase ou abandono das características prosódicas do local de origem. Pessoas do sexo feminino, segundo nossos dados, tendem à super valorização de seu sotaque, influenciando, assim, a prosódia de sua fala. Nas fontes em questão, percebemos o aumento da duração da vogal pretônica na fala da informante residente no Rio de Janeiro, como ênfase à sua identidade mineira. Em caminho contrário, notamos a fala do informante também do Rio, com a duração vocálica mais breve dentre nossos dados.

Lembramos que a proposta deste estudo não foi a de uma profunda análise da identidade na fala mineira, mas apenas uma breve consideração a respeito de sua prosódia. Em outro momento, poder-se-á realizar uma pesquisa com maior profundidade, maior número de informantes e, por conseguinte, menor possibilidade de ocorrência de viés de quaisquer tipos.

Referências

BOERSMA, P.; WEENINK, D. **Praat: Doing phonetics by computer**. Disponível em:<<http://www.fon.hum.uva.nl/praat/>> Acesso em: 6 jun. 2009.

GOMES, C.; RONCARATI, C. Variáveis fonológicas. In.: MOLLICA, M. C.; BRAGA, M. L. (Orgs.). **Introdução à sociolinguística: O tratamento da variação**. São Paulo: Contexto, 2003, p.73-80.

HIRST, D.; DI CRISTO, A. A survey of intonation systems. In: ____ (Ed.). **Intonation systems: A survey of twenty languages**. Cambridge: Cambridge University Press, 1998, p. 1-44

KOISHI, H.; TSUJI, D.; IMAMURA, R.; SENNES, L. **Variação da intensidade vocal: Estudo da vibração das pregas vocais em seres humanos com videoquimografia**. Disponível em:<http://www.rborl.org.br/conteudo/acervo/print_acervo.asp?id=528> Acesso em: 6 jun. 2009.

KROCK, A. **Morphosyntatic variation**. In.: BEALS, K. et al. (Orgs.). Papers from the 30th annual meeting of the Chicago Linguistic Society, vol. 2, 180-201, 1994.

NEDEL, E. L.; FRONZA, C. A. **As Vogais Breves e Longas da Língua Inglesa: Características e reflexões sobre seu uso por falantes brasileiros**. Disponível em:<http://www.letras.ufmg.br/labfon/congresso_2006/11-As_vogais_breves_e_longas.pdf> Acesso em: 6 jun. 2009.

RAUBER, A. **Análise automática de formantes e plotagem de vogais no praat**. Disponível em:<http://www.nupffale.ufsc.br/rauber/Praat_tutorial.pdf> Acesso em: 6 jun. 2009.

SILVA, G. M. Coleta de dados. In.: MOLLICA, M. C.; BRAGA, M. L. (Orgs.). **Introdução à sociolinguística: O tratamento da variação**. São Paulo: Contexto, 2003, p.118-133.

SILVA, S. **Um estudo de modelos básicos de prosódia para o português brasileiro**. Disponível em:<<http://www.pee.ufrj.br/teses/textocompleto/2004052801.pdf>> Acesso em: 6 jun. 2009.

SOUZA, L. C.; PACHECO, V. **Duração vocálica e consonantal em monossílabo aberto no PB: Informação fonética ou fonológica?**. Disponível em:<<http://publicacoes.cpelin.org/ebooks/pelIII/leitura-impresao/artigos/09Souza;Pacheco.pdf>> Acesso em: 6 jun. 2009.

TEIXEIRA, C. A. **Variação da curva entoacional na voz cantada e na voz falada**. Disponível em:<<http://www.filologia.org.br/viicnlf/anais/caderno07-20.html>> Acesso em: 6 jun. 2009.